

**FLÁVIA DA SILVA SIMÕES**

**ABUSADO: LIBERDADES EM PAUTA**  
**As possibilidades do jornalismo e a grande reportagem**

CELACC/ECA – USP

2014

**FLÁVIA DA SILVA SIMÕES**

**ABUSADO: LIBERDADES EM PAUTA**  
**As possibilidades do jornalismo e a grande reportagem**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (lato sensu) em Mídia, Cultura e Informação, produzido sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Maria Bernardete Toneto.

CELACC/ECA – USP

2014

Dedico este trabalho ao jornalista Caco Barcellos por produzir um conteúdo de qualidade inquestionavelmente superior ao jornalismo comum. A partir de uma grande reportagem, faz o leitor ter uma visão distinta da comunidade que é comandada pelo tráfico.

## **Agradecimentos**

À professora e orientadora Bernardete Toneto, pelo estímulo e dedicação.

Aos meus pais, que sempre apoiaram e incentivaram a ideia de cumprir mais esta jornada.

Ao meu irmão e meus primos, que me deram força nos momentos de ansiedade e crise.

Ao meu namorado, pela troca de ideias, conselhos e, principalmente, o estímulo diário para superar obstáculos.

# **ABUSADO: LIBERDADES EM PAUTA**

## **As possibilidades do jornalismo e a grande reportagem**

**Flávia da Silva Simões<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este trabalho pretende evidenciar a importância da grande reportagem que utiliza recursos narrativos para apresentar um fato. Com uma narrativa mais detalhada, há a apresentação dos acontecimentos a partir da produção de relatos mais soltos e envolventes. Com isso, o jornalismo rompe a estrutura do noticiário “superficial”, permitindo a ampliação do olhar dos leitores, aprofundando assuntos e favorecendo a democratização da informação. O objetivo é investigar mais consistentemente os benefícios da grande reportagem para o enriquecimento da construção da notícia, a partir do estudo de caso que se baseia no livro “Abusado – O Dono do Morro Dona Marta”, do jornalista Caco Barcellos.

**Palavras-chave:** Grande reportagem; Recursos; Narrativa; Ampliação do olhar; Democratização da informação; Estudo de caso - Abusado - O Dono do Morro Dona Marta.

---

<sup>1</sup> Jornalista graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; pós-graduada em Mídia, Cultura e Informação pelo CELACC/ECA-USP.

## **Abstract**

This article want to highlight the importance of the great reportage it uses resources narrative to present a fact. With a more detailed narrative, there is the presentation of events from the production of more loose and engaging stories. With this, the journalism breaks with the structure of “superficial” news, extending the look of readers with deepening in the affairs and democratization of information. In this way, its purpose is to investigate further the benefits of great reportage for the enrichment in the construction of news. Conducting a case study on the basis of the book “Abusado - O Dono do Morro Dona Marta”, of the journalist Caco Barcellos.

**Keywords:** Great reportage; Resources; Narrative; Extending the look; Democratization of information; Case study - Abusado - O Dono do Morro Dona Marta.

## Resumen

Este artículo pretende destacar la importancia de la gran historia que utiliza características narrativas para presentar un hecho. Con una narrativa más detallada, no es la presentación de eventos desde la producción de las historias más sueltos y atractivos. Con eso, el periodismo se rompe con la estructura de noticias “superficiales”, agrandando los ojos de los lectores con profundización en las relaciones y la democratización de la información. De esta manera, tiene como objetivo investigar más a fondo los beneficios de la gran noticia para el enriquecimiento en la construcción de la noticia. Realización de un estudio de caso basado en el libro “Abusado – O Dono do Morro Dona Marta”, del periodista Caco Barcellos.

**Palabras clave:** Gran historia; Características; Narrativas; Agrandando los ojos; Democratización de la información; Estudio de caso - Abusado - O Dono do Morro Dona Marta.

## Sumário

Introdução.....	09
1. Finalidade do jornalismo.....	11
1.1. O <i>lead</i> e a pirâmide invertida.....	13
2. Jornalismo literário: primeiras impressões, surgimento e introdução no Brasil.....	16
3. Grandes reportagens: informação democrática e humanizada.....	20
4. Estudo de caso do livro <i>Abusado – O Dono do Morro Dona Marta</i> .....	23
Considerações finais.....	28
Referências bibliográficas.....	30

## Introdução

O avanço tecnológico facilitou a disseminação da informação, o que ampliou o cenário da comunicação e rompeu as barreiras espaço-tempo. Contudo, instalaram-se nesse campo distintos vícios e abusos que prejudicam a qualidade do que é informado; em consequência, as produções jornalísticas viram-se fadadas à falta de qualidade, repetição e pouco aprofundamento do conteúdo tratado.

Em decorrência da perda de “frescor” e credibilidade que envolvem os conteúdos jornalísticos, pretende-se evidenciar a importância da grande reportagem. O jornalismo investigativo utiliza os recursos narrativos como base para suas estratégias, em constante troca, adequação e modificação da realidade. Para perceber o poder que a grande reportagem tem em envolver o leitor, é preciso compreender que suas atribuições servem de refúgio para o “emaranhado” de acontecimentos do cotidiano. Com ele, permitimo-nos caminhar em território mais amplo e aprofundado do acontecimento, oferecendo ao leitor a possibilidade de entender o contexto e as diversas vertentes do fato.

De acordo com Cremilda Medina (2003, p.92), para o cotidiano se presentificar, é preciso romper as rotinas industriais da produção da notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Com a ajuda dos princípios da grande reportagem, os acontecimentos se tornam mais humanizados, o texto não se prende à padronização do *lead*<sup>1</sup> que “engessa” a informação e faz o conteúdo ser mais bem trabalhado.

Como afirma Medina:

É preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano (...) é preciso inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social. (MEDINA, 2003, p.140)

Não se trata de desmerecer o jornalismo apresentado pelos grandes veículos, no qual há numerosos recursos para prender a atenção do leitor e produções de qualidade. Mas deve-se constatar a contribuição incontestável dos recursos do jornalismo literário, que faz o jornalista ir à rua e dialogar com as fontes. A

informação, portanto, pode ser transmitida de modo distinto daquela que toma como base a resposta aos questionamentos “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?” e “Por quê?”.

Com as grandes reportagens, consegue-se suprir a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual, permitindo ao receptor ter um entendimento de maior alcance. Há, assim, uma imersão de fôlego nos fatos, proporcionando ao jornalista certa liberdade para se diferenciar das fórmulas convencionais geralmente apresentadas nas rotinas produtivas. De acordo com Lima (2004, p.40), o aprofundamento extensivo/horizontal amplia quantitativamente a taxa de conhecimento do leitor sobre o tema, por meio de dados, números, informações e detalhes relacionados. Com o aprofundamento intensivo/vertical, amplia-se qualitativamente essa taxa, elencando causas, consequências, efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações do assunto reportado.

Este texto objetiva esclarecer que o jornalista pode usar recursos narrativos presentes na grande reportagem para noticiar. Para isso, faz-se aqui um estudo de caso do livro “Abusado – O Dono do Morro Dona Marta”, do jornalista Caco Barcellos, que mostra como, por meio da narrativa, o autor consegue trabalhar harmoniosamente, ao destrinchar a história de um dos maiores traficantes do Brasil e da comunidade que ele gerenciava.

## 1. Finalidade do jornalismo

O jornalismo é prática antiga que foi se moldando com o passar dos anos. De acordo com Luiz Beltrão (2006), o homem das cavernas já fazia jornalismo. Ao reunir seu grupo para comunicar a aproximação de inimigos ou contar histórias, o indivíduo passava uma informação, orientava e entretinha, ou seja, fazia jornalismo.

Com o passar dos anos, o jornalismo assumiu função social, com a finalidade de informar. E, com isso, aos poucos, a mobilização dos meios de comunicação passou a ser fundamental para compreender o que acontece no mundo.

[...] mesmo com os inúmeros empecilhos que surgiram aos veículos jornalísticos com a tremenda sobrecarga de informações que lhes cabe transmitir, ainda se constituem eles o único recurso de que dispõe o homem [...] para superar as suas deficiências de conhecimento das ocorrências, ideias, situações e opiniões correntes e de cujo domínio dependem a sua segurança e bem-estar (BELTRÃO, 2006, p.16).

Segundo Luiz Beltrão (2006), o jornalismo não deve apenas apresentar a notícia, mas interpretá-la, oferecer desfechos quando necessário e fundamentar ensinamentos. Tais fatos devem ainda ser repassados periodicamente, com o objetivo de divulgar conhecimento e servir à opinião pública, promovendo o bem comum. Atualidade, variedade, interpretação, periodicidade e popularidade são características fundamentais do jornalismo.

Para Adelmo Genro Filho (1987), o jornalismo não é retrato exato da realidade, mas nem por isso pode ser reduzido a um produto mercadológico. Ele deve ser compreendido como forma de conhecimento. Ainda segundo o autor, a linguagem jornalística deve entender a singularidade no contexto de uma particularidade específica, em um sistema no qual a universalidade esteja apenas proposta, para a notícia ter sentido e sua característica não ser diluída no particular e no universal, mas se formar entre essas categorias uma relação de convergência.

[...] o critério jornalístico de uma informação está indissolúvelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) à particularidade e universalidade que nele se propõem, ou melhor, que são delineados ou insinuados pela subjetividade do jornalista. O singular, então, é a forma do Jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O

particular e o universal são *negados* em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo. (GENRO FILHO, 1987, p.163)

Para Nelson Traquina (2004), antes de ser uma maneira de se expressar, o jornalismo tem como função informar. Segundo o autor, durante o século XIX o jornalismo se estruturou nas sociedades democráticas e ganhou os padrões hoje conhecidos. Nessa época as redações começaram a ter profissionais dedicados à atividade jornalística. Ainda nesse período, o jornalismo foi envolvido por um novo objetivo: apenas fornecer a informação, sem opinião. Além disso, tomavam forma os ideais da profissão, como busca da verdade, exatidão, independência do profissional e objetividade.

De acordo com Traquina (2005), o jornalismo envolve inúmeros questionamentos, como os referentes ao fazer e à produção de conteúdo. Em consequência da amplitude do tema, se não se consegue definir a função do jornalismo, ao menos tenta expressar sua importância a partir da demarcação da missão do profissional da área, pois

se os jornalistas não foram capazes de fechar o seu “território” de trabalho, foram capazes de forjar uma forte identidade profissional, isto é, uma resposta bem clara à pergunta “o que é ser jornalista”, parte de toda uma cultura constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias. (TRAQUINA, 2005, p.121)

O jornalismo não serve apenas para apresentar os acontecimentos, mas para relatar as diversas vertentes de uma história. Acima de tudo informar com responsabilidade, estreitando a distância entre os cidadãos e o fato, utilizando o bom senso. Além disso, independentemente das definições acadêmicas apresentadas, o jornalismo é uma batalha pela reconquista diária de seus alvos – leitores, telespectadores ou ouvintes. A “arma” utilizada aparentemente não oferece perigo, mas é extremamente importante: a palavra.

Rossi afirma que entrar no universo jornalístico significa:

[..] desvendar o mito da objetividade – que a maior parte da imprensa brasileira importou dos padrões norte-americanos. Em tese – salvo, é óbvio, nos jornais de cunho ideológico ou partidário –, a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar

tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões. (ROSSI, 1980, p.9)

## 1.1. O lead e a pirâmide invertida

Tradicionalmente, o jornalismo é tratado como simples particularidade da comunicação de massa e instrumento para reproduzir a ideologia de uma classe dominante. Forma “guetos” no âmbito comunicacional, em que a informação não é vista como direito de todo cidadão.

Segundo Genro Filho (1987), a exigência do *lead*<sup>1</sup> na estrutura da notícia, como característica do jornalismo moderno, parece estar situada em outro campo, mais importante que a facilidade da leitura. O autor ressalta que a característica primordial do *lead* é passar informações básicas do relato na abertura da notícia, situando o fenômeno como totalidade empírica que se manifesta paralelamente aos sentidos do leitor, ouvinte ou telespectador. O fato não aparece desordenado, pois isso ocasionaria a decomposição presente da singularidade do acontecido.

O *lead* permite que, através da natureza lógica e abstrata da linguagem, constituída pela generalidade intrínseca dos conceitos, seja retomado o percurso que vai do abstrato ao concreto, não pela via da ciência, mas pela reprodução do real como singular-significativo. O real aparece, então, não por meio da teoria, que vai apanhar o concreto pela sua reprodução lógica, mas *recomposto* pela abstração e pelas técnicas adequadas numa cristalização singular e fenomênica plena de significação, para então ser percebido como experiência vivida. (GENRO FILHO, 1987, p.137)

De acordo com os manuais de jornalismo, o *lead* é o primeiro parágrafo da notícia, e nele o leitor fica informado sobre os principais pontos, a partir da resposta a seis questões básicas: O Quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Por quê? e Como?, sendo que as duas últimas podem ser omitidas e apresentadas nos parágrafos seguintes.

Sua elaboração precisa ser simples, objetiva e relatar a verdade, sem a interferência da opinião do jornalista, para prender a atenção do leitor. Um *lead* bem estruturado desperta a atenção e, na maioria das vezes, faz o leitor desfrutar do restante da informação. Por isso, todo jornalista deve saber a importância do *lead*

---

<sup>1</sup> É a primeira parte de uma notícia, que fornece ao leitor a informação básica sobre o assunto a ser tratado e pretende prender-lhe o interesse. É uma expressão inglesa que significa "guia" ou "o que vem à frente".

para escrever textos de qualidade e originalidade. Para Genro Filho (1987), afirmar que o jornalista não pode mentir, inventar, distorcer ou caluniar é como afirmar que todos os cidadãos devem ser honestos. O jornalista enfrenta a dificuldade de conseguir um acordo sobre o que é verdade, fatos que merecem ser apresentados e sob que ângulo político, ideológico e filosófico.

Na estruturação da notícia, a técnica conhecida como pirâmide invertida segue-se à construção de um *lead* direto. Isso significa que, na estruturação da notícia, depois do *lead* o restante da informação é apresentado por ordem decrescente de importância. À medida que se vai descendo na estrutura da notícia, portanto, os fatos relatados se tornam cada vez menos relevantes. É chamada de pirâmide invertida porque a base da mesma, em que se encontra aquilo que é mais importante, está no topo.

De acordo com Genro Filho (1987), a primeira notícia redigida com essa técnica teria aparecido no The New York Times em abril de 1861. Segundo o autor, essa nova estrutura da notícia não foi feita para prender a atenção do leitor, mas informá-lo superficialmente, deixando-o indiferente ao fato, sem questionar ou refletir.

Deixemos de lado o simplismo da tese segundo a qual a 'pirâmide invertida' teria nascido de uma circunstância tecnológica e se generalizado por comodismo ou para impedir a consciência crítica dos leitores. Vejamos um comentário crítico pertinente, lembrado pelo próprio Diaz Rangel: "De todos, o mais importante é aquele que diz que essa maneira de estruturar a notícia cria uma tendência a uniformizar os primeiros parágrafos, os *leads*, e desestimula a criatividade, e iniciativa dos repórteres. (GENRO FILHO, 1987, p.183)

Genro Filho (1987) deixa claro que a tese da "pirâmide invertida" quer evidenciar que a notícia é constituída do mais importante para o menos importante. Partindo da descrição, o *lead*, ponto central da informação, assume o momento jornalístico mais importante. A pirâmide invertida deve ser alterada e recolocada com foco na base. Assim, a notícia é estruturada do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), do cume para a base. O segredo que envolve a pirâmide é que ela está invertida, quando deveria permanecer como as pirâmides seculares do Egito.

Percebe-se que o *lead* e a pirâmide presentes nos textos da maior parte dos veículos convencionais estão diretamente relacionados à preocupação com a produção rápida da notícia. A importância é direcionada às regras “engessadas” e não à qualidade dos textos apresentados com as grandes reportagens. Mas com a ampliação e evolução dos meios digitais e dos veículos alternativos, a notícia chega mais rapidamente aos leitores, e o “furo jornalístico” não é prioridade. Torna-se relevante ter um atrativo, além de saber causas, consequências e atores envolvidos, a fim de se produzir um conteúdo mais completo, que situe as diversas vertentes do acontecimento.

## 2. Jornalismo literário: primeiras impressões, surgimento e introdução no Brasil

Próximo a 1830, as influências dos recursos narrativos ficam mais claras. A partir do folhetim, criado para agrupar esse tipo de narrativa, surgiu outra lógica capitalista. “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante”, explica Felipe Pena (2006, p.29).

No período, os filhos de aristocratas liam o que era impresso no folhetim para os serviçais não alfabetizados. Como apresentado por Arnold Hauser, no livro *História Social da Literatura* (apud Felipe Pena, 2006, p.32):

O romance de folhetim significou uma democratização sem precedentes da Literatura e um nivelamento quase absoluto do público leitor. Nunca uma arte foi tão unanimemente reconhecida por tão diferentes estratos sociais e culturais, e recebida com sentimentos tão similares.

Além disso, os escritores seguiram o caminho da imprensa e vários se tornaram editores, repórteres e cronistas, e utilizavam na notícia os recursos narrativos. Contudo, na virada do século XIX para o XX, houve declínio no número de escritores nos jornais. E a narrativa considerada distinta foi trocada pela objetividade e concisão. E, com isso, as publicações com recursos do jornalismo literário passam a ser tratadas como mercadoria.

Em 1960, novos manifestos eclodem em decorrência da insatisfação de profissionais da imprensa dos Estados Unidos com a forma “engessada” à qual o jornalismo se submeteu, criando o chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*). Segundo Pena (2006), Tom Wolfe, considerado precursor do gênero, relatou o manifesto sobre o tema em 1973. Esse Novo Jornalismo tem como objetivo, segundo Wolfe (apud Felipe Pena, 2006, p.54), “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracterizava a tal ‘imprensa objetiva’”. O repórter deveria ser menos objetivo, ter atitude para buscar algo novo na apresentação dos fatos, mesmo sendo “escravo do manual de redação” (apud Felipe Pena, 2006, p.54).

Contudo, Wolfe admite que o movimento se articulou pela motivação prazerosa de concretizar uma mudança e não embasado em uma teoria. Mesmo sem a base teórica, Wolfe evidenciou quatro recursos básicos utilizados no *New*

*Journalism*: reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelo “olhar” dos personagens e registrar seus hábitos, roupas e outras características particulares.

Essa maneira de relatar as histórias, que os norte-americanos denominaram *New Journalism*, no Brasil foi chamada de “jornalismo literário”. A partir desse período, a reportagem deixava de ter o simples objetivo de relato, para se reinventar em um texto permeado de detalhes que se tornaram fundamentais para a composição jornalística.

O escritor Euclides da Cunha seria o primeiro a mostrar em sua obra uma narrativa diferente da convencional, na derrocada de Canudos, em “Os Sertões”, obra considerada jornalística. O livro nasceu de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos para o jornal O Estado de S.Paulo. Euclides da Cunha foi cobrir o evento, em 1897, como enviado de guerra.

A reportagem apresentada em “Os Sertões” trouxe ao jornalismo nova alternativa para o tratamento do conteúdo, como o conjunto de circunstâncias do acontecimento e a procura pelas origens daquele conflito, que apresentam ao leitor o sentido mais enriquecedor da história narrada. “Quando lança sua obra-prima, Euclides da Cunha acaba por simbolizar aquele profissional que fica no meio termo curioso da ficção e da realidade para construir um relato de profundidade” (LIMA, 2004, p.212).

Outro que se destacou por apresentar em seu trabalho uma narrativa diferenciada foi João do Rio. Paulo Barreto, nome de batismo de João do Rio, começou a se dedicar à imprensa aos 16 anos de idade. No ano de 1918, trabalhava no jornal conhecido como Cidade do Rio, ao lado de José do Patrocínio e seu grupo de colaboradores. Nesse período surgiu o pseudônimo de João do Rio. Passou por diversas redações, e destacou-se como o primeiro homem da imprensa brasileira a trabalhar com a considerada reportagem moderna. O cronista conseguia apresentar o cenário carioca da época, interligando o factual ao poético. “A contribuição de João do Rio não seria grande quanto ao tratamento estilístico, insuficiente para marcar uma forma jornalística. Mas deixaria seu pioneirismo inconfundível pela observação detalhada da realidade” (LIMA, 2004, p.219). Acrescenta Lima (2004) que depois das grandes crônicas de João do Rio “parece existir um hiato na evolução da

reportagem brasileira, que só vai ser retomada significativamente após a Segunda Guerra, chegando ao ápice da renovação no período 1966-68” (LIMA, 2004, p.220).

Para Edvaldo Pereira Lima (2004), a chance que o jornalismo teria para se igualar à literatura, em qualidade narrativa, seria aprimorando meios sem perder sua característica. Isto é, teria de melhorar seu instrumental de expressões de um lado, e aumentar o potencial de capturar o real de outro. Esse percurso chegaria a um bom termo com o Novo Jornalismo. Ressalta o autor que os profissionais da área que começaram a produzir nessa corrente, que Tom Wolfe não chama de movimento, ampliaram as possibilidades, primeiramente em publicações periódicas e depois no livro-reportagem. Mesmo no Brasil, é possível dizer que o Novo Jornalismo norte-americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966, portanto, no período de “ebulição” da produção dos novos jornalistas norte-americanos, que se destacaram por uma proposta estética divergente dos padrões: a revista Realidade - considerada a grande escola da reportagem moderna, da Editora Abril, e o Jornal da Tarde, do grupo Estado de S.Paulo.

Os jornalistas que produziam matérias frias tinham um certo espaço livre para experimentar com o jornalismo literário. Muitos deles, aspirando à produção literária, tentavam fazer o que Hemingway fizera: passar pelo jornalismo apenas o tempo suficiente para dominar seu instrumental, de modo a maturá-lo e adaptá-lo ao fazer literário. (LIMA. 2004, p.193)

Lima (2004) afirma que esse é o caminho do pioneirismo do Novo Jornalismo, preparando armas e se aprofundando cada vez mais na realidade em rápida transformação, presenciando por dentro o pulsar da sociedade norte-americana em um conflito consigo mesma para o surgimento de mais uma de suas diversas faces contemporâneas. Iniciam pelas matérias frias, aos poucos reformulam, até não possuir identificação com o modelo de direcionamento.

No final dos anos 60 e início dos 70, havia bons profissionais na imprensa brasileira que se inspiraram em Truman Capote e Gay Talese, ou nas obras do boom literário hispano-americano de Julio Cortázar, García Márquez, Vargas Llosa e outros. Como explica o jornalista Ricardo Noblat:

A “Manchete” e as demais revistas me deixaram à vontade para escrever como desejasse, respeitados, naturalmente, os limites mínimos do bom gosto, da elegância e da clareza.

Os anos 60 e 70 assistiram ao surgimento nos Estados Unidos do que se tornou conhecido com new journalism, e na América Latina ao “boom” do que fora batizado outrora de “realismo mágico”. Fui fortemente influenciado pelos dois fenômenos. (NOBLAT, 2004, p.86)

A literatura igualmente influenciou o processo de captação, a reportagem em si, na qual a informação jornalística encontra sua particularização. Alguns jornalistas tentaram combinar ficção e jornalismo. Porém, a maior expressão técnica se deu nos grandes textos dos livros-reportagem.

### 3. Grandes reportagens: informação democrática e humanizada

Atualmente, devido ao imediatismo da informação e à exigência das empresas pela produção de conteúdo em larga escala, o jornalismo perdeu as reportagens enriquecidas de aprofundamento, amplitude, boas histórias e, conseqüentemente, parte das informações implícitas e explícitas, que levam o leitor a refletir e questionar. Vivemos a “ditadura” de consumir a informação e, na maioria das vezes, sem entender o conteúdo apresentado. Lima (2004) defende o uso da reportagem com recursos e a ampliação de narrativas como aspectos essenciais para o jornalismo assumir a plenitude de sua função.

Com isso, diversos jornalistas veem a reformulação da reportagem como a “salvação” da comunicação dos veículos de informação e a maneira mais adequada para resgatar a emoção e a seriedade oferecidas pelo jornalismo literário. “Através da leitura, o homem exerce a sua singularidade, de forma universal. Porque ela é forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana, que cruza as fronteiras e as nações” (CASTRO; GALENO, 2002, p.89).

A partir da existência de um jornalismo mais humano proporcionado pela reportagem, os leitores se aproximam de uma realidade que nem sempre vivenciam e, por isso, não lhe dão a devida importância. Nesse cenário, a arte de contar uma história, como nos primórdios da comunicação, pode usufruir de uma fonte inesgotável pertencente à narrativa. Talvez seja esse o primeiro passo para reconquistar os leitores que perderam o interesse em se aprofundar em grandes histórias, a partir da falta de criatividade e da reprodução exagerada dos mesmos fatos.

Felipe Pena (2006) afirma que para o leitor guardar ou resgatar em sua memória um bom texto ele precisa ser organizado “como uma música”. Pena defende que o texto deve ter uma narrativa diferenciada, despertando distintos sentidos no leitor, e não somente informar. “Dizem que o bom texto consegue padrões musicais. Tem ritmo, harmonia e sonoridade” (PENA, 2006).

Com a utilização da grande reportagem, a sociedade ganha um outro olhar. Surgem as novas pautas e o jornalismo retoma a função. Os protagonistas sociais deixam de ser figurantes e as pessoas se tornam ponto de partida e de chegada, ou seja, sempre estão presentes em todos os processos. Evidencia-se que o processo

de humanizar a informação é alternativa possível para a conservação do vigor do jornalismo. Além disso, o conteúdo pode se prender somente à objetividade, pois perdem-se as estatísticas, dados, informações vivas, subjetivas, sentimentos e desejos dos protagonistas. Explicita-se que é preciso pormenorizar o que é apresentado para proporcionar ao leitor o fato noticioso de maneira mais democrática e amplamente estruturada.

Enfim, os recursos narrativos utilizados na grande reportagem têm como objetivo romper padrões do jornalismo, despertar reações e sensações no leitor e dar a ele ideia mais abrangente do fato relatado pela notícia. “Seu dever é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade” (PENA, 2006, p. 14).

De acordo com Vilas Boas (2013), após vários períodos de instabilidade, as revoluções tecnológicas levaram à constatação que não parecia tão óbvia. A essência do jornalismo continua sendo a grande reportagem, mas ela precisa passar por um processo de reformulação, aproximando-se dos leitores, fazendo com que queiram compreender a notícia e não apenas lê-la.

Há uma premissa simples por trás de tudo isso: as pessoas tendem a ler com mais interesse textos nos quais conseguem enxergar a si próprias. Isto significa que, embora não seja obrigatória, a prática do Jornalismo Narrativo é uma opção interessante na busca por diferenciação, e pode contribuir para que as “reportagens especiais” sejam realmente especiais, e não apenas “notícias espichadas” ou “relatórios secos”. (VILAS BOAS, 2013)

Além disso, como a informação é encontrada em todo lugar, a notícia se transformou em uma espécie de mercadoria. Por isso, é importante a produção das grandes reportagens de qualidade para os veículos se manterem “vivos”.

O público leigo exigente tende a escapar do formato às vezes hermético (da academia), pernóstico (dos colunistas) e superficial (dos noticiários). Aqui e ali, as reportagens especiais de fôlego estão retornando, deixando ainda mais clara a genuína índole do JL (Jornalismo Literário), que é fazer com que conteúdo e forma sejam parceiros da mesma aventura – como, aliás, ocorre na boa literatura. (VILAS BOAS, 2013)

É importante ressaltar que para as grandes reportagens recuperarem o valor da boa informação é preciso que a grande imprensa reaprenda a olhar um

acontecimento, não apenas enxergar o problema e suas questões sociais intrigantes, mas tentar contribuir, solucionando-o ou o transformando.

Lima (s.d.) afirma sobre sua semente de contribuição:

[...] visualizar que na narrativa de qualidade podemos fazer algo e muito. Podemos trazer o amor – a aceitação das diferenças, a busca da compreensão profunda do outro, a humildade de reconhecer que a existência não só se constitui numa realidade complexa, mas contém uma certa porção de mistério que não conseguimos explicar, a capacidade de nutrir uma cultura de paz, a alegria de ver e retratar a vida tão diversificada e paradoxalmente tão unificada nas suas diferentes formas – de volta ao texto jornalístico de profundidade.

#### 4. Estudo de caso do livro *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta*

No livro “Abusado – O Dono do Morro Dona Marta”<sup>2</sup>, o jornalista Caco Barcellos conta a história do mundo do crime e as organizações formadas por criminosos. O livro-reportagem apresenta, de modo inequivocamente envolvente, como eram arquitetadas as operações de grandes facções criminosas em uma das favelas mais violentas da cidade do Rio de Janeiro, o Dona Marta. Localizada no Morro Santa Marta, a favela ganhou destaque após o cantor Michael Jackson ter ali gravado um videoclipe. O cantor foi protegido pela polícia e pelos traficantes do morro, liderados por “Juliano VP”, protagonista do livro.

Barcellos relata o estilo de vida dos moradores da favela, retratando a questão social de uma região problemática. De acordo com Eduardo Belo (2006, p.70), a obra é acirrada investigação sobre a entrada do grupo criminoso Comando Vermelho na favela. O jornalista reproduz a linguagem dos bandidos da região e evidencia o crescimento do número de pessoas dentro de uma comunidade que testam o poder de fogo, armas e drogas.

As diversas histórias relatadas no livro, como a do missionário Kevin, morte de ‘Nein’, chegada de Juliano à cadeia do Rio, mostraram ao jornalista o caminho da estrutura da história, o que lhe pareceu a melhor maneira de utilizar o grande volume de diálogos presentes nos depoimentos. “Apenas para registrar o relato do início da amizade de Tênis e ‘Nein’, foram horas de gravação” (2003, p. 458). A elaboração do texto mostra um narrador participativo, capaz de absorver a visão das personagens, além do detalhamento dos lugares, sentimentos e movimentos dos envolvidos no enredo.

O traficante Juliano VP foi o “homem-narrativa” do jornalista, que conseguiu, a partir das entrevistas com o traficante, transpor a descrição detalhada das operações, a maneira como ele vivia e seus sentimentos.

Era a cela mais quente do presídio, daí o apelido Havaí. Um retângulo de oito metros quadrados, com dois de largura e quatro de comprimento, onde estavam amontoados 28 detentos, 29 com Juliano. A única ventilação vinha de uma abertura estreita e gradeada no alto da parede do fundo. Antes do carcereiro abrir a porta feita de barras de ferro paralelas, ele sentiu o cheiro de suor e urina que vinha lá de dentro.[...]

---

<sup>2</sup> BARCELOS, Caco. *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Já sabia que a chegada ao xadrez era sempre um momento tenso, imprevisível, cheio de ameaças subliminares, mas Juliano estava confiante na receptividade. Sempre ouviu dizer que quem era odiado pela polícia tinha respeito redobrado na cadeia. Por isso acreditava que as marcas de tortura por todo o corpo seriam a melhor credencial, dispensariam outra forma de apresentação. [...]

Dormir encostado na parede era um “privilegio”. Quem conquistava esse espaço dormia com alguém encostado apenas em uma parte do corpo. E durante a madrugada não era pisoteado por aqueles que se obrigavam a caminhar sobre os companheiros para chegar até o banheiro. Por isso, a parede era sempre reservada ao chefe [...]. (2003, p. 153).

De acordo com Cremilda Medina (2003, p. 63), é preciso “escapar” das estruturas moldadas pelos grandes veículos de comunicação, que muitas vezes reproduzem discursos conservadores ou reduzem as diversas possibilidades de determinado contexto social. As emoções e as angústias dos atores sociais podem ser entendidas em entrevistas que fazem os personagens agirem de acordo com sua rotina. Histórias de vida são contadas e o personagem ganha vida. O cotidiano é vivenciado e apresentado da maneira que ele realmente se estabelece, para se obter as informações mais próximas do real, com a reconstrução de sentidos.

Com isso, há a contextualização pluridimensional, na qual, observar o comportamento humano, está inserido em determinado segmento da sociedade. A obra permite a fruição pelo texto, em que se evolui na contrapartida dos textos delimitadores da grande imprensa. Escreve-se uma reportagem com indícios verticais e horizontais, apresentando um jornalismo literário amplo e popular.

Edvaldo Pereira Lima (2004) destaca que o livro-reportagem, como extensão do jornalismo e da literatura, oferece um conjunto de liberdades que “privilegiam” o jornalismo. O autor trabalha com seis liberdades: liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fontes, liberdade temporal, liberdade do eixo de abordagem e liberdade de propósito. E, dentro da análise do livro, três serão abordadas: liberdade de pauta, liberdade de fontes e liberdade de propósito.

A seguir, serão mais bem explicadas essas três “liberdades”, com definições e relações com a história do livro:

- 1) **Liberdade de pauta:** refere-se a temas de relevância social que não são abordados pela grande mídia ou o foram superficialmente ou com visão diferente de um livro-reportagem. Permite-se ao jornalista autonomia para a elaboração do acontecimento, o enfoque e como apresentará os fatos.

Segundo o Manual de Estilo e Redação de O Estado de S.Paulo, pauta significa “[...] tanto o conjunto de assuntos que uma editoria está cobrindo para

determinada edição do jornal como a série de indicações transmitidas ao repórter [...]”. Erbolato (1991, p. 247) segue raciocínio análogo, definindo pauta como a “designação dos principais assuntos que serão cobertos de maneira jornalística, dentro de um prazo estipulado”, evidenciando que “o objetivo da pauta é abastecer o jornal de amanhã ou os dos próximos dias, sem erros ou esquecimentos” (ERBOLATO, 1991, p.181). Além de a pauta traçar uma espécie de roteiro pré-estipulado, é o ponto inicial e importante dentro do processo de desenvolvimento de uma reportagem.

No livro *Abusado* o jornalista elabora o acontecimento com liberdade, sem se prender a roteiro determinado e data marcada. Mesmo sendo “violência” e “crime” temas corriqueiros no âmbito jornalístico, no livro há um novo olhar, com aprofundamento. Por meio de entrevistas e documentos, Barcellos conta a história de Juliano VP. Os moradores do Morro Dona Marta ganham voz e vida; a visão e as emoções dos homens que trabalhavam para o tráfico também ganham espaço.

O trecho em que Juliano tem uma discussão com Peninha, policial militar corrupto que ajuda a quadrilha, mostra como é o cotidiano desses traficantes na comunidade. O autor busca ser fiel ao modo de falar dos traficantes, moradores da favela e policiais.

No começo da tarde, uma ligação para o telefone público do beco Padre Hélio fez Juliano interromper a demonstração que fazia a duas jovens encantadas com o fuzil.  
– É pra você, Juliano. É o Peninha – disse o homem que atendera o telefone.  
Sem largar a arma, Juliano atendeu o telefonema ainda eufórico, elogiando a arma, sem perguntar o motivo do contato.  
– Manero, manero, Peninha. Essa arma é dez, cara!  
– É. Dei mole. Mas vou pegar ela de volta! – retrucou Peninha.  
Sem perceber as intenções de Peninha, Juliano propôs outras compras.  
– Pode mandá mais que a gente compra. Quero botá vinte fuzil nesse morro.  
– Você não está entendendo, Juliano. Essa arma é minha. E você vai me entregar ela de volta.  
– Como assim?  
– Manda teu avião me devolver ainda hoje aqui embaixo, na praça Corumbá.  
– O quê? Tu tá louco? Eu já te paguei e tu qué o quê?  
– Isso mesmo, rapá, estou esperando no fim da tarde, na hora da Ave-Maria.  
– Tá doidão, Peninha! Qual é? Essa arma não sai mais do morro!  
– Tu manda já ou eu vou aí buscar essa porra!  
– Tu vai perdê a viagem, Peninha.  
– Eu sou polícia, rapá. Tu é dedo mole, é?  
A armação do golpe de Peninha assustou Juliano, que desligou o telefone e foi depressa avisar os amigos.  
– Os homis tão subindo. Eles querem o fuzil de volta, na marra! (2003, p. 186).

## 2) **Liberdade de fontes:** permite a consulta de diversas vozes obtendo visão

simultânea e mais completa. A história passa a ter diversos olhares sobre o mesmo fato.

De acordo Lima (2004, pg.84), como o livro-reportagem não está ligado ao ritmo compulsivo das redações, consegue fugir das fontes legítimas e possibilita abertura a outras vozes. Essa forma de narrar um fato noticioso é importante para dar ao receptor a amplitude de quem presencia a história, e contribui para a pluralidade de fontes, geralmente nos grandes veículos dada aos considerados representantes do lado do “bem”, como presidentes, autoridades ou policiais. Apresentando mais veracidade na reportagem.

Caco Barcellos com frequência utiliza fontes em descrições curtas que mostram o olhar de personagens em determinados acontecimentos, ou seja, estão inseridas na história. Como acontece no capítulo 8, em que o QG de Cabeludo na guerra de 1987 é mostrado a partir das impressões do repórter Ivo Leite, que entra na favela Santa Marta a fim de entrevistar o traficante (BARCELLOS, 2003, p. 110):

– Eu vou ver o que esse maluco está querendo! – disse um repórter aos colegas.

Radialista veterano, Ivo Leite saiu do meio do grupo com os dois braços erguidos e o gravador em uma das mãos. Avançou devagar, passo a passo, favela adentro, sob o olhar apreensivo de colegas repórteres, policiais, traficantes. Dos dois lados, homens apontavam as armas na direção de Ivo Leite, que encontrou Chico Boca Mole ao pé da Escadaria. Dali ele viu o aceno de Cabeludo, que estava no Bar do Guerreiro, naquela hora, cheio de homens armados, jovens sem armas, mulheres, algumas crianças, todos em volta do chefe. A experiência em coberturas de violência ajudou Ivo a conquistar a confiança de Cabeludo, embora ele declarasse sua antipatia pela imprensa. Convidado a conhecer o QG, Ivo ficou impressionado com a precariedade. No botequim de um único cômodo havia um balcão refrigerador, uma pequena mesa de bilhar e três prateleiras com algumas latas de atum em conserva, uns dez pacotes de biscoito, uma panela com restos de macarrão, alguns sacolés de cocaína e cartuchos dos projéteis de guerra. Na parede sem pintura, a frase: “O lado certo da vida errada!”

– Gostei de ver, Cabeça Branca. Tu é fera. Tu podia levá bala da polícia, cara. Olha só lá embaixo. Tá infestado de mané! E os teus colegas? – perguntou Cabeludo.

– Ficaram lá, a barra está pesada – respondeu Ivo Leite.

3) **Liberdade de propósito:** deve acender aspirações mais elevadas, levar a reflexão e mudanças de abordagem nos receptores, deve conter algo novo.

A função do livro-reportagem nas palavras de Lima (2004, p. 39) é:

Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo.

Na reportagem comum, em decorrência do apressado esquema de trabalho, corre-se o risco de trocar dados e dificultar a vida do leitor, que pode não se interessar pela leitura completa do texto. O que não ocorre com *Abusado*, um texto “simples”, pleno de veracidade e originalidade. O leitor compreende a notícia sem dificuldade, pois harmoniza eficiência e fluência.

No capítulo 12, a chegada de três carros considerados suspeitos ao pé do morro é narrada sob o ponto de vista de um grupo de pessoas: Juliano e alguns dos membros de sua quadrilha, que ficam apreensivos. O leitor e os personagens descobrem juntos a identidade daqueles que apareceram na comunidade (2003, p. 179-180):

[...] Dali dava para ver que os carros estavam cheios de homens e que alguns mostravam o bico da arma pelas janelas. Apagavam e acendiam os faróis, como se estivessem avisando que estavam em missão de paz. Ainda era cedo para saber. Juliano arrastou-se para ficar ao lado de Claudinho. Os dois estavam nervosos devido à incerteza. Não tiravam os olhos dos carros e combinaram uma ação para barrar a entrada daqueles estranhos armados. O medo deles era de que o bonde fosse formado por policiais civis ou PMs que trabalhavam à paisana, os do Serviço Reservado.

– Se forem os homi vamo dispará pro alto – sugeriu Juliano.

– Mas se eles não recuá? – perguntou Claudinho.

– Nesse caso a gente vaza pro alto.

– E se eles cercarem pelo alto?

– O Raimundinho segura o pipoco lá em cima. Vamo ouvi os tiros dele também.

Os carros avançavam bem devagar, enquanto os homens abriam a porta para sair depressa. Um deles acionou um objeto escuro que tinha nas mãos. Era uma lanterna que emitia uma luz alaranjada, muito usada para sinalizar perigo de acidentes nas estradas. O movimento circular da luz cor de laranja chamou a atenção dos homens de Juliano, que continuaram paralisados, tensos, com as armas apontadas para a [rua] Jupira.

– Maracanã! – gritou Juliano para testar se os homens do bonde conheciam a senha do dia.

– Garrincha! – respondeu alguém do grupo, que estava na frente da quadra da Escola de Samba.

A contrassenha correta acalmou Juliano.

– Caralho! É gente nossa!

– Deve sê do Comando. Aquele sinal de lanterna é coisa do CV – disse Claudinho.

## Considerações finais

A retomada do jornalismo de qualidade a partir da grande reportagem apresentado neste artigo é uma das alternativas para resgatar as peculiaridades da notícia existente na imprensa brasileira. Em lugar de os jornalistas e/ou profissionais que trabalham na área se prenderem ao imediatismo, quantidade e pouco aprofundamento - características que fazem o jornalismo corriqueiro abdicar de um critério cuidadoso ao tecer a trama dos fatos -, devem redigir a notícia englobando informações objetivas, como estatísticas, números, dados, aspectos vivos e subjetivos, sentimentos e desejos dos protagonistas. Todos têm voz, e cabe ao leitor se posicionar sobre o que considera correto.

Além de expor uma alternativa, este trabalho buscou refletir sobre o sentido do fazer jornalístico e a parcela de responsabilidade social de um profissional que só se permite responder “O quê?”, “Onde?”, “Quando?”, “Por quê?”, “Quem?” e “Como?”, sem analisar as particularidades à sua volta, singularidades que o jornalismo tenta desvendar, sob uma conduta ética e responsável com leitores e fontes. Essas fontes têm o direito de saber com quem, para quem estão falando e se estão de acordo com os mesmos.

A real relevância da análise de *Abusado de Caco Barcellos* está diretamente relacionada a uma narrativa que não se prende aos padrões, que acrescenta ao jornalismo e a sociedade. A obra cumpre o papel de denúncia e esclarecimento, pois se percebe o esforço do jornalista em revelar partes obscuras da sociedade.

*Abusado* revela que conceitos preestabelecidos por si só não se sustentam, e desconstrói a imagem estereotipada de quem é mocinho e quem é bandido. Como no caso dos policiais, que tendem a ser retratados como heróis, mas que também carregam crueldade, perversidade e injustiça. O livro, por outro lado, apresenta o “lado humano” do traficante, além do senso de bem comum, em um morro tomado pelo tráfico e organizado a partir de leis próprias.

Por fim, entender as regras moldadas para produzir conteúdo muitas vezes faz com que boa parte do conteúdo se perca. É essencial refletir que, com o novo ou reformulado, amplia-se o “olhar” para o que não era tido como relevante. Afinal, os leitores perdem o interesse por aquilo que não muda. O jornalista precisa entender

que, é preciso informar de forma contextualizada. E, que o jornalismo de qualidade não pode ser sustentado apenas pela superficialidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Caco. **Abusado: O Dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARRETO, PAULO. **Pseudônimo: João do Rio. Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=329&sid=261>>. Acessado em: 19 de Junho de 2014.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BELTRÃO, L. **O Jornalismo**. In. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI & Cátedra Unesco, 2006. pp. 13-35.

BOAS, Sergio Vilas. **Jornalismo Narrativo (1)**. Disponível: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/cursos/literatura-sem-invencao/>>. Acessado em: 02 de Agosto de 2014.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Narrativo (2)**. Disponível: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/cursos/jornalismo-literario/>>. . Acessado em: 02 de Agosto de 2014.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escritura, 2002.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

GENRO FILHO, A. **O Segredo da Pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

**Lead**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lead>>. Acessado em: 09 de Julho de 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Narrativas para transformar**. Disponível em : <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/narrativas-de-transformacao/92-narrativas-de-transformacao/166-narrativas-para-transformar>>. Acessado em: 3 de Agosto de 2014.

\_\_\_\_\_. LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Manole, 2004.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Estilo e Redação – O Estado de S. Paulo**. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/13659165/Eduardo-Martins-MANUAL-DE-REDACCAO-E-ESTILO> >. Acessado em: 19 de Junho de 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de Tecer o Presente**. São Paulo: Summus, 2003.

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista**. Editora Record, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **O texto e a melodia**. Disponível em:

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_texto\\_e\\_a\\_melodia](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_texto_e_a_melodia)>.

Acessado em: 04 de Agosto de 2014.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

TRAQUINA, N. (org.). **Teorias do Jornalismo – Volume I Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo – Volume II A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.